

A COPA DO MUNDO DE 2006: o “quadrado mágico” e as categorias analíticas do futebol brasileiro

Rafael Moreno Castellani¹
Harian Pires Braga²

RESUMO

A Copa do Mundo de futebol, além de sua capacidade de mobilizar comunidades ao redor do mundo, arregimenta pelo futebol significados que permitiriam construções identitárias. Assim, este estudo objetivou identificar e refletir acerca das categorias analíticas sobre o futebol presentes na mídia esportiva no decorrer da cobertura jornalística da Copa do Mundo de 2006. O que balizou nossa escolha por essa edição é menos o caráter organizacional e pretensos legados, e mais a retomada de categorias recorrentes ao futebol brasileiro, enunciadas, sobretudo, a partir da convocação de quatro jogadores específicos que viriam a compor o “Quadrado Mágico”. Optou-se pelo jornal Folha de São Paulo, em acervo virtual, entre os meses maio-agosto de 2006. Categorias como o País do futebol, futebol arte/bonito/mágico estão bastante presentes na mídia esportiva e literaturas sobre futebol, ainda que alguns estudos confrontem a existência destas categorias e uma associação direta com o estilo de jogo brasileiro.

Palavras-chave: Futebol; Copa do Mundo; Categorias Analíticas

1 Doutorando em Psicologia social. Professor da Faculdade de Americana (FAM). Universidade de São Paulo (USP). Campinas/São Paulo, Brasil. E-mail: rafael.moreno@usp.br

2 Doutorando em Esporte e Sociedade. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas/São Paulo, Brasil. E-mail: harian.braga@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao falarmos de Copa do Mundo de futebol é preciso ter claro que estamos tratando de “um grande fenômeno socioeconômico” (FRANCO JUNIOR, 2010) capaz de mobilizar comunidades ao redor do mundo, para além, inclusive, dos significados eminentemente esportivos. Para DaMatta (1994, p.12), o esporte deveria ser pensado como parte da sociedade e não símbolo antagônico ou mesmo alheio a ela. Assim, no Brasil, o futebol arregimentaria significados que permitiriam construções identitárias, individuais ou coletivas. Para Helal e Gordon Júnior, (1999, p.159), “o futebol - e a Copa do Mundo é um momento onde isso é realçado ao máximo - é um veículo poderoso de expressão dessas identidades nacionais (mesmo que construídas)”. Por nenhuma identidade é natural, ela passa por processos de construção, conscientes ou não e que não estão acabados (HALL, 2006).

A relação da sociedade brasileira com o futebol é tão profunda que se configura como uma atividade capaz de mobilizar e apaixonar as massas, promovendo no povo brasileiro sentimentos básicos de identidade individual e coletiva. Seria o que o antropólogo fluminense Da Mata (1997) classificou como instituições secundárias gerando o processo de identificação nacional. Um caminho que possui bases materiais, visto que o carnaval, o samba e o futebol, dentre outros, possuem poder de vinculação simbólica muito além do que as ditas instituições primárias – Constituição, Congresso, Justiça – no caso brasileiro. Contudo, o futebol é um dos elementos horizontais que desperta identidades, mas não apenas o único.

No caso brasileiro, alguns momentos são sublimes na construção maciça de significados coletivos e na invenção de tradições (HOBSBAWM; RANGER, 2012). Se no cotidiano os “clubismos” – regional, nacional, internacional – são a ordem do dia e criam cismas, quando a seleção nacional joga, o caminho passa a ser da unidade (DAMO, 2007). Nesse contexto, alguns jogos possuem simbolismos especiais e no caso da mimese do time como nação, a Copa do Mundo, torneio quadrienal entre seleções nacionais, é preponderante. Em 2006, a competição foi realizada na Alemanha, com destaque para as obras de infraestrutura, como a mobilidade urbana, e que englobaram um discurso de modernidade e de eficiência, da então maior economia da União Europeia. “A cultura alemã teve seu ponto forte realçado com o sucesso na realização do evento e demonstrou superação quanto aos seus pontos culturais mais vulneráveis” (RITCHER, 2014. p.149). O alcance de espectadores também merece destaque, haja vista os cerca de 3,4 milhões, entre torcedores, jornalistas, representantes de federações, convidados e parceiros comerciais da FIFA assistindo *in loco* os 64 jogos da Copa, além de outras 21 milhões de pessoas que acompanharam as partidas num espaço criado especificamente para transmissão dos jogos, denominado de “FIFA Fan fest” (idem, 2014. p.149).

A esse discurso de organização e ao grande alcance imagético da Copa do Mundo, a edição de 2006 contou com grande expectativa no Brasil, uma vez que a seleção nacional vinha do título mundial na edição anterior e ganhara também a Copa das Confederações de 2005, evento teste para o mundial. Aos resultados esportivos favoráveis, somou-se o uso intensivo da ideia de “Quadrado Mágico”, uma imagem que buscava sintetizar o

estilo nacional de jogar futebol, ofensivo, plástico, de condução de bola, de dribles. Os jogadores que compunham essa imagem de sucesso eram jogadores de grande repercussão intencional à época: Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Adriano e Ronaldo. Ronaldo, grande destaque da última Copa e eleito melhor jogador do mundo em três anos (1995, 1997 e 2002), mesmo com certa desconfiança por conta da sua condição física, foi convocado como grande esperança de gols. Seu parceiro de ataque, Adriano, era aclamado na Itália como o “Imperador”. Kaká, apesar de jovem, era o grande destaque da equipe do AC Milan e fazia uma ótima temporada no campeonato italiano e por fim, aquele que vinha com status de maior jogador dos últimos anos, melhor atleta do FC Barcelona e eleito o melhor do mundo nos dois anos anteriores à Copa: Ronaldinho Gaúcho.

Apesar desse breve panorama da Copa do Mundo de 2006, o que tange a escolha dessa edição para reflexão é menos o caráter organizacional e os pretensos legados e mais a retomada de categorias recorrentes ao futebol brasileiro. Com a formulação da expressão “Quadrado Mágico”, que teria em seus vértices a ginga, a magia, o futebol arte e o estilo nacional. Essas máximas, que por vezes ressurgem conferindo ao Brasil a ideia de país do futebol, foram pensadas como categorias ao analisar as reportagens dos jornais de época sobre as partidas do Brasil no mundial, com maior atenção ao jogo de quartas de final contra a seleção da França. A escolha pela edição de 2006 assenta-se no grande otimismo em voga, o que fez emergir categorias que consagram um estilo nacional mirífico, que conversa com outros elementos culturais brasileiros (ROSENFELD, 2007), mas que também não deixam de ser parte de um discurso do que o futebol brasileiro é para a sociedade brasileira (SOARES; LOVISOLO, 2003).

Assim, este estudo tem por objetivo identificar e refletir acerca das categorias analíticas sobre o futebol presentes na mídia - seja no debate jornalístico ou nos discursos de atletas e demais entrevistados -, no decorrer da cobertura jornalística da Copa do Mundo de Futebol de 2006.

É fundamental lembrarmos que “a mídia constrói e formata um discurso sobre o futebol assentado nas falas dos seus outros atores, profissionais e torcedores, e o faz utilizando-se de estratégias técnicas e ideológicas desse discurso” (TOLEDO, 2000, p.11). Por sua vez, as formas de apropriação do futebol pelas pessoas, no modo de praticá-lo e usufruí-lo, estão vinculadas “a um cotidiano não necessariamente imobilizador, aparecendo como um fenômeno discutido e experimentado por muitos, mesmo entre aqueles que pouco conhecem de sua história ou de suas regras, ou o desempenho dos próprios times”. (idem, 2000, p.11).

Neste estudo, escolhemos o jornal *Folha de São Paulo* (FSP), em seu acervo virtual. A opção pelo jornal paulistano perpassa por um argumento quantitativo, visto que em 2006 o periódico foi o de maior circulação no país, com cerca de 300 mil exemplares diários³; além de possuir portais virtuais de notícia, que repercutem a produção jornalística do grupo. Ainda assim, qualitativamente o jornal formou-se como um dos defensores

3 Disponível em <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acessado em 6 de janeiro de 2016.

do discurso de modernização paulista, sendo que desde os anos de 1920, vinculou-se às campanhas dos setores liberais e urbanos, ou seja, sua filiação histórica está embasada no vínculo com setores ditos progressistas, portanto, com uma interlocução com aquilo que se chama de “novo” (MOTA; CAPELATO, 1980). Esse vínculo é promissor para perceber o futebol que, paradoxalmente, representa a conservação e a tradição, em muitos casos, do que são os elementos identitários. A FSP conclama para si uma linha editorial baseada na neutralidade e imparcialidade, portanto apenas retratando o fato em si, distanciando-se de possíveis paixões. Essa imagem de imparcialidade assegurar-se-ia também na pluralidade de colaboradores que escrevem sistematicamente no jornal.

Evidentemente, o discurso de neutralidade e de apreensão da verdade é por si só um posicionamento. A neutralidade pretendida busca legitimar a escrita jornalística como superior e dotada de autoridade. Mesmo que a linha editorial se enverede por esse caminho, o texto noticioso é dotado de posicionamentos, visto não estar fora da historicidade e da construção de significados peculiares à linguagem (MELO, 2004). Ao ter percepção, podemos qualificar a crítica à fonte, compreendendo que seu discurso de neutralidade é também um discurso de autoridade e de local legítimo de construção da verdade.

Na parte esportiva, em um caderno diário próprio, com no mínimo cinco páginas, o futebol foi, em 2006, o assunto principal. Além de notícias que buscavam retratar os acontecimentos e fatos do cotidiano esportivo, cronistas publicavam suas opiniões, num arcabouço que contava com ex-jogadores, jornalistas de formação, personalidades e personagens de importância no cenário esportivo. Com a aproximação da Copa do Mundo, o caderno esportivo foi separado com uma cobertura diária específica para a competição. Nela, além de relatos, gráficos, tabelas, opiniões sobre os fatos, números e demais informações ao leitor faziam o colorido das páginas.

Dessa forma, optamos por iniciar a leitura sistemática desse caderno já em maio, um mês antes da competição, justamente por ser o momento em que a cobertura se torna pormenorizada, inclusive com o envio de correspondentes à Europa. Recorrer a um período anterior ao campeonato contempla também que a expectativa pelos jogos constrói a imagem que eles terão, ao passo que se caminha para análise semelhante pela empreendida por Soares e Salvador (2009) referente à Copa de 1970, possibilitando um recorte temporal que possui paralelo na literatura.

ANTES DO APITO INICIAL: Os discursos midiáticos anteriores ao início da Copa do Mundo de 2006

Antes do início da Copa do Mundo FIFA 2006, grande parte das expectativas estavam sobre duas seleções, tidas por muitos como as favoritas para vencer a Copa na Alemanha: A seleção brasileira, campeã, um ano antes (2005) da Copa das Confederações e Campeã mundial na última edição da Copa (2002) e a seleção Alemã, anfitriã do torneio

que, mesmo não fazendo uma boa Eurocopa 2004⁴, teve uma boa participação na Copa anterior, fazendo a final com a seleção brasileira.

Segundo reportagem⁵ da FSP publicada em 16 de maio de 2006, a seleção formada por Parreira era “mais velha, mais estrangeira, mais saudável, mais galáctica, menos polêmica”. Formada por atletas mais velhos, ou mais experientes como preferem alguns, esta equipe possuía uma média de idade de 28,4 anos, composta por grande parte dos atletas que estavam na Copa anterior e que atuavam em equipes europeias.⁶Neste aspecto, conforme reportagem⁷ da FSP de 16/05/2006, a Copa do Mundo de 2006 foi “dominada” por atletas que estavam em atividade em clubes europeus. De fato, mostram-se mudanças significativas. A primeira delas é o processo de desterritorialização em curso no futebol, no qual o poder financeiro dos grandes clubes europeus consolidava-se e os grandes atletas brasileiros deixavam de atuar no país – e, portanto, de fazer parte do cotidiano do estilo nacional de jogar futebol no Brasil. Ao mesmo tempo, o processo de aceitação desses ditos estrangeiros fazia-se recorrente junto aos torcedores e mesmo aos jogadores. Comparando com a Copa de 1982, um marco do futebol arte brasileiro, não vislumbramos falas negativas dos jogadores atuarem fora do Brasil, nem mesmo de que atuar na Europa corromperia os adjetivos do jogar brasileiro⁸.

No entanto, se somente o fato de se tratar da atual campeã do mundo e atual campeã da Copa das Confederações já rendia à seleção brasileira muitas expectativas otimistas, grande parte dos comentários e análises se pautou nos quatro jogadores específicos convocados (Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Adriano e Ronaldo) para formar, o “quadrado mágico”.

A menção ao “quadrado mágico” realizada antes do início do Mundial não surgiu por acaso. Historicamente, a seleção brasileira é reconhecida por possuir um futebol arte, mágico, bonito (SOARES, 1999). Neste aspecto, assim como nos adverte Toledo (2000) - que, a partir das análises das dimensões práticas e simbólicas, busca entender o estilo brasileiro de jogar futebol -, a seleção brasileira de 1958, ainda que em 1938 já se explicitava esse discurso na imprensa, teve papel importante para este reconhecimento tanto interno (para a sociedade brasileira) quanto externo (para o restante do mundo), visto que:

“[...] a partir de 1958, com o reconhecimento definitivo de Didi, Garrincha, Vavá, Nilton Santos, Zagalo e tantos outros jogadores (Pelé despontaria no terceiro jogo) o Brasil consolidaria “para fora” a imagem de país do futebol. E, “para dentro”, confirmaria o vaticínio do encontro simbólico de um futebol marcado pela individualida-

4 A seleção Alemã sequer se classificou para as quartas de final, ficando atrás, na fase de grupos, da inexpressiva seleção dos Países Baixos. A final foi realizada entre Grécia e Portugal, tendo a Grécia como vencedora (1x0) e campeã da Eurocopa 2004.

5 “Parreira festeja sua base e descarta goleiro do penta”. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/05/16/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

6 Somente o goleiro Rogério Ceni e o meia Ricardinho atuavam nesta época em equipes brasileiras, São Paulo e Corinthians respectivamente

7 “Ricaços da Europa mandam no mundial”. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/05/16/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

8 Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1982/04/24/2//4181603>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

de revelada no *estilo*, muitas vezes substantivado na ideia de alma, jeito, habilidade inata, caráter nacional ou ainda determinado pelos desdobramentos sociais e simbólicos do fenômeno da raça e da miscigenação brasileira". (TOLEDO, 2000, p.134)

Se entre torcedores e admiradores tal caracterização é quase unânime, a literatura passou a analisar criticamente algumas destas categorias impostas ao futebol brasileiro. Resgatando por vezes silêncios que foram aplicados, como o supracitado, que desconsiderou que já em 1938 a própria FSP exemplificaria a admiração estrangeira ao jogar futebol brasileiro com os resultados no mundial daquele ano na França.

De acordo com DaMatta (1994, p.16), "o chamado 'futebol brasileiro' representa a si mesmo como uma modalidade caracterizada no uso excepcionalmente habilidoso do corpo e das pernas, o que cria um jogo bonito de se ver". Por sua vez, segundo Campos e Moraes (2010):

"A existência hoje de um "estilo brasileiro de jogar", entendido como o manejo particular de um repertório de habilidades técnicas e táticas individuais e coletivas, deve ser posto em xeque devido à diversidade regional do país e ao embaralhamento provocado pela globalização. Ao mesmo tempo, ele indica uma forma muito singular do jogo que precisa ser compreendida nas suas especificidades diferenciadas". (CAMPOS; MORAES, 2010, p.130)

A seleção do povo e o quadrado mágico

Se com a convocação de Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Ronaldo e Adriano o "Quadrado Mágico" possuía grande aceitação, outras posições passavam por debates e contestações, mostrando que "a seleção do povo", na verdade poderia ser um campo de opiniões distintas. Na coluna de Clóvis Rossi em 16/05/2006 dizia-se que "como queriam 11 a cada 10 cronistas esportivos, Marcos cedeu lugar a Rogério Ceni. O contestado jogador do Palmeiras Roque Junior deu lugar a Cris, que, apesar de não ser o "favorito do povo" tinha maior aceitação que Roque Junior. Rossi complementa dizendo que "Fred, jogador que expressava a alegria e leveza do centroavante contemplou o interesse de tantos outros torcedores".

Convocar uma seleção, definir um esquema tático, escalar uma equipe principal e outras tantas tarefas inerentes ao treinador de uma seleção nacional, ocupa, no Brasil, uma posição diferenciada, pois certamente entre nós, brasileiros, o futebol é a modalidade esportiva mais praticada, assistida, vivenciada e consumida, criando interlocutores que se sentem qualificados simbolicamente para debater o esporte, a despeito de qualquer formação profissional. Como nos adverte Toledo (2000), "o que sustenta a popularidade do futebol não é, obviamente, seu enquadramento institucional de um lado e, de outro, seu enquadramento moral, dos torcedores, mas a relação entre estas duas dimensões" (TOLEDO, 2000, p.5).

Com a seleção estando de agrado de grande parte da população brasileira, cabia ao então "quadrado mágico" transformar em realidade a expectativa de título de milhões

de brasileiros. O papel do então treinador Carlos Alberto Parreira seria fazer com que os quatro atletas jogassem pela seleção o que vinham jogando pelos seus clubes. Este, aliás, era o grande desafio, principalmente em fazer com que Ronaldinho Gaúcho tivesse desempenho semelhante ao que por dois anos o consagrou como melhor jogador de futebol do mundo. As distinções táticas, de treinamento, de composição de elenco e mesmo de estrutura de competição, distintos entre a seleção nacional na Copa do Mundo e os clubes europeus em suas temporadas, não estavam na ordem do dia, ainda que fossem decisivos para o sucesso ou o fracasso do “Quadrado Mágico”.

No entanto, a composição do quadrado mágico não era percebida somente a partir de pontos positivos. Em reportagem da Folha de São Paulo do dia 21 de maio de 2006⁹ os defensores da seleção brasileira alertavam para o perigo de ficarem sobrecarregados. Juan disse: “o quadrado sobrecarrega a defesa, claro!”. O zagueiro Luizão, do Benfica, afirmou: “é complicado para quem está lá atrás”. A fala dos jogadores de defesa evidencia um descompasso entre o esperado e a realidade do jogo. Em tempos pretéritos, atacar com quatro ou mais jogadores levou times brasileiros – e a seleção inclusive – a sucessos. O título na Suécia em 1958 teve como base uma escalação que contemplava quatro atacantes. Nas décadas seguintes o treinamento físico, técnico e tático modificou-se e as defesas passaram a desempenhar papel de destaque. Atacar, sem pensar no balanço defensivo seria dialogar com o anacronismo dentro de campo, mas nas aspirações externas, recorrer à segurança da tradição.

No dia 03 de junho de 2006, segundo reportagem¹⁰ da FSP, “os jogadores brasileiros que atuam no futebol italiano, por serem atletas melhores preparados taticamente seriam os responsáveis por dar à equipe a estabilidade colocada em prova por alguns atletas”. Kaká, tido na reportagem como peça chave do quarteto, disse: “hoje eu enxergo muito mais o jogo. A disciplina tática na Itália é muito exigida. Uma coisa é enxergar o jogo taticamente fora de jogo, outra é fazer isso jogando, de cabeça quente. Na Itália, aprendi a fazer isso, a observar como o rival está taticamente”. Já Adriano, jogador da Internazionale de Milão, afirma que o “futebol na Itália é muito tático, muita força”, fato que facilita o trabalho quando chegam à seleção brasileira. Cafú, em tom de incerteza afirma: “Só vamos saber se o quarteto vai funcionar quando a Copa começar”.

Esse conjunto de reportagens nos faz refletir sobre dois aspectos do futebol brasileiro, ao menos em como ele é retratado. Primeiro, a grande preocupação é que o jogo se constitua ofensivo, ou seja, que o ataque prevaleça mesmo que para isso a defesa e o equilíbrio tático sejam suplantados. O jogo bonito, que seria a marca do estilo nacional brasileiro não tem espaço para a defesa, ele é impávido e colossal no ataque para gerar gols e lances plásticos. Em paralelo, a constante comparação entre Brasil e Europa constata que as seleções europeias são muito mais promissoras em um futebol tático, de força, pautado no treinamento e organização.

9 “Esquema de Parreira assusta os quatro zagueiros da seleção”. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/05/21/20/>>. Acesso em 21/07/2015.

10 “Táticos, ‘italianos’ dão estabilidade para quadrado”. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/03/20/>>. Acesso em 04 de Julho de 2014.

Após a convocação da seleção brasileira, grande parte dos comentários e análises da mídia esportiva pautava se o Brasil conseguiria, ou não, repetir o feito da última Copa e sagrar-se hexacampeão. Soninha, em coluna publicada em 16/05/2006¹¹, apesar de reforçar o quanto somos, nacionalmente e internacionalmente, francos favoritos ao título questionou a capacidade de êxito: “Seremos capazes?” dizia ela. O favoritismo imposto ao Brasil era esperado. Em mesma coluna Soninha afirma que “a imagem do futebol brasileiro é a melhor imagem que o Brasil tem no mundo... Se não fosse pelo futebol, não significaríamos quase nada para a maioria dos estrangeiros”.

Tal discurso, aliado ao favoritismo adjudicado e assumido pela seleção brasileira nos remete a necessidade de análise de uma das categorias do futebol: o Brasil como país do futebol. Em reportagem realizada pela FSP em 13/06/2006¹², um dia antes da estreia da seleção brasileira, palavras como “super”, “máster”, “ultra”, “maxi”, “hiper” e “power” foram utilizadas em manchete para refletir o favoritismo do Brasil. Segundo tal reportagem, a seleção brasileira é melhor até mesmo que o *Dream Team* do basquete norte-americano campeão olímpico de 1992.

Análise da primeira fase

Dia 13 de Junho de 2006 foi data da estreia da seleção brasileira contra a seleção da Croácia que juntamente com Austrália e Japão compôs o grupo F. Pelo retrospecto do Brasil nos últimos anos e a relevância das demais seleções, o favoritismo era latente. A grande expectativa estava sobre a forma como se comportaria o quarteto formado por Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Adriano e Ronaldo, denominado pela mídia esportiva de “quadrado mágico”. O resultado (1x0 para o Brasil) e, sobretudo, o fraco desempenho da seleção brasileira repercutiram também na imprensa esportiva internacional. Clóvis Rossi, em coluna publicada no dia 15/06/2006¹³, trouxe a manchete do jornal argentino “Olé” para retratar sua percepção em relação à qualidade da seleção brasileira. “O Brasil é deste planeta... Os que se imaginavam e eram quase unanimemente tidos como ET’s do futebol, donos de superpoderes, tiveram um dia/uma noite de seres humanos triviais, normais, até abaixo do normal”. Trazer a notícia de um jornal argentino tirando o brilhantismo da seleção seria trazer com mais afinco uma crítica simbólica ao futebol nacional, já que a opinião do rival, do outro que corrobora na construção de uma identidade relacional, é um catalisador.

O fraco desempenho da seleção brasileira no jogo contra a Croácia colocou em discussão a permanência do quadrado mágico e mais do que isso, trouxe à tona o debate dentro do grupo de jogadores sobre o futebol espetáculo X o futebol de resultado. Em reportagem da FSP de 17/06/2006¹⁴, Ronaldinho Gaúcho, maior esperança de espetáculo da

11 “Visto de fora”. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/05/16/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

12 Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/13/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

13 Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/15/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

14 “Espectáculo versus resultado divide atletas da seleção”. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/06/17/20/>>. Acesso em 16 de Junho de 2014.

seleção brasileira, afirmou que tinha como objetivo “fazer um quarteto com muita alegria para poder fazer muitas jogadas de gols”. Em contrapartida, Emerson emitiu posicionamento divergente ao jogador do Barcelona. Para ele, “show não ganha. Não adianta. Vamos fazer gol, não interessa como, de costas, de canela. Estamos aqui para ganhar a Copa. Não queremos sair daqui como a seleção que dá show e não ganha nada”. Uma tensão entre a tradição que propaga a ideia do jogo bonito, contra a eficiência em meio a um esporte pragmático, e que no estágio do alto rendimento, demanda por resultados positivos.

As manchetes dos dias que antecederam a segunda rodada da Copa estampavam uma preocupação com o ataque. A capa do Caderno de Esportes da FSP do dia 18/06/2006¹⁵ dizia: “Quem diria que o ataque seria a preocupação e que a defesa o ponto forte? Que a seleção já estaria pressionada? Que a atitude em campo seria burocrática? “. “Quem diria, por exemplo, que as preocupações do time fossem o ataque e o seu badalado quadrado mágico, e não a defesa tida como frágil e desprotegida? “. Quem diria que o próprio quarteto mágico não está garantido nos mata-matas.

Disputada no dia 18 de junho de 2006, a partida entre Brasil e Austrália terminou com mais uma vitória brasileira e a consequente vaga na próxima fase do torneio. A capa do jornal FSP do dia 19/06/2006 estampava a manchete: “Sem magia, Brasil vence e se classifica”. Em alusão ao tão falado quadrado mágico e seu fraco desempenho, a seleção brasileira repete uma atuação muito aquém do esperado, realizando uma partida, “sem brilho” que trouxe uma vitória que não foi de “todo convincente”. A valorização da vitória em detrimento do “futebol arte”, espetáculo, também esteve presente na fala de alguns atletas após a partida. Zé Roberto, por exemplo, eleito melhor jogador da partida pela Fifa, afirmou: “Todo mundo espera espetáculo, mas o Brasil está mentalizado em vitórias”. Explícita-se no nosso entendimento outra porosidade entre aspiração identitária para demandas sociais e as lógicas internas ao esporte. Para a construção identitária, o jogar dentro do estilo nacional, portanto, o jogo bonito, por vezes idealizado, é a saída. Mas numa realidade do esporte de alto rendimento, é o resultado que se torna preponderante, e que não tem temores em suplantar o estilo nacional em troca do sucesso de rendimento

Após mais um fraco desempenho do “quadrado mágico”, Parreira passou a colocar à prova a continuidade do quarteto ofensivo. Em reportagem¹⁶ da FSP, quando questionado se o quarteto ofensivo seria mantido para as próximas partidas, Parreira levantou uma dúvida e afirmou querer um “time com saúde”. Vale ressaltar que além da questão técnica, fatores como a condição física (lesões e cansaço) e o número de cartões também foram motivos de preocupação para o treinador escalar a equipe para o terceiro, e último, jogo da primeira fase.

A dúvida na escalação da equipe que disputaria a última partida da primeira fase (contra a seleção do Japão) foi polemizada em reportagem¹⁷ publicada na FSP em

15 Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/06/18/20/>>

16 “Parreira faz mistério sobre quarteto”. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/19/20/>. Acesso em 26 de Junho de 2014.

17 “Brasil x Brasil”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/21/20/>> . Acesso em 30 de Junho de 2014.

21/06/2006. Insatisfeito com o ataque da equipe, Parreira pretendia realizar alterações, mas não divulgou antecipadamente quais seriam elas. Tal reportagem explicitou que a dúvida estaria na escalação de Adriano ou a entrada de Robinho em seu lugar. Entretanto, mais do que uma escolha por nomes, tratava-se de uma escolha por estilo: “um mais europeu, com o parrudo atacante da Inter, outro mais à brasileira com o franzino driblador do Real Madrid”.

A seleção brasileira entrou em campo em 22 de junho de 2006 em duelo contra a seleção do Japão. Conforme hipotetizado pela imprensa nos dias que antecederam a partida, o Brasil veio a campo com um time bastante modificado, mas o resultado foi bastante convincente: 4x1. O reconhecimento da boa partida realizada pela seleção brasileira estava estampado na primeira capa do caderno Copa 2006 da Folha de São Paulo do dia 23 de Junho de 2006: “show de calouros”¹⁸. Nesta reportagem fazia-se referência à primeira boa partida da seleção brasileira e creditava grande parte deste sucesso à entrada dos cinco reservas. “A seleção mostrou um vigor que a formação anterior, longe de estar afiada após quase um mês de treinamentos quase sempre em campos reduzidos, não demonstrou”. Conforme disse Parreira em reportagem supracitada, as substituições não mudaram a formação tática da equipe, pois “o time não mudou a maneira de jogar, mudaram apenas os nomes”.

Mesmo com o falado (após as duas primeiras rodadas não mais tão falado quanto anteriormente) quadrado mágico desconfigurado¹⁹, o quarteto ofensivo foi tema de reportagem publicada na FSP em 23/06/2006. Dizia a manchete: “Quadrado faz virada inédita na sua história”. A euforia pela vitória foi tanta que as manchetes faziam alusão à volta do estilo brasileiro de jogar. Segundo reportagem²⁰ de 23/06/2006, a seleção brasileira jogou como tradicionalmente é reconhecida: “Com poucas faltas, muitos dribles e excelência nos passes. Se dias antes Parreira havia afirmado que em Copa, “show é vencer”, após esta vitória o treinador da seleção brasileira disse que “vencemos jogando no estilo brasileiro”. Afinal, existe um jeito brasileiro de jogar futebol? Qual é o estilo brasileiro de jogar futebol?

Segundo Wisnik (2008) “o futebol brasileiro tem uma natureza singular”. Acrescenta dizendo que o estilo nacional do futebol brasileiro é realizado a partir de uma aproximação com estilos literários. Para ele é possível identificar um estilo alemão, italiano, argentino, brasileiro. Por outro lado, de acordo com Campos e Moraes, (2010), “o estilo brasileiro não se diferencia do “jogo duro dos gringos” por uma predisposição natural, uma prontidão coletiva, nem tampouco devido à sua miscigenação étnica”. (CAMPOS; MORAES, 2010, p.130)

Dessa forma, Toledo (2000) nos adverte em relação a esta associação mecânica (realizada repetidamente nos veículos midiáticos, tal como verificamos aqui), entre o desempenho e estilo de uma seleção de futebol:

18 Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/23/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

19 Kaká e Adriano deram lugar à Juninho e Robinho.

20 “Brasil que parece Brasil demonstra sua eficiência”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/23/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

“Os desempenhos de seleções nacionais na busca por reconhecimentos, pensando, por exemplo, nos países sul americanos, deveriam expressar a *personalidade, fisio-nomia* ou o *jeito* de cada povo, evidenciados na *garra* argentina ou uruguaia ou na *malícia* brasileira... Porém, é preciso advertir, somente o *jeito* ou o *estilo*, que se revelam num repertório bastante heteróclito de categorias nativas muito em voga, tais como as noções de *ginga*, *malícia*, *raça*, *virilidade* de um povo, não definem exclusivamente o futebol por ele praticado, como querem as análises excessivamente culturalistas, que muitas vezes divorciam as representações engendradas em torno do futebol da sua evolução técnica, individual e coletiva”. (TOLEDO, 2000, p.79)

A melhora na partida contra o Japão fez a comissão técnica repensar a escalação para a próxima partida. Em meio às especulações de mudanças, a mídia esportiva deu destaque para Robinho. Segundo reportagem²¹ de 24/06/2006, com Robinho no lugar de Adriano o quadrado mágico poderia ser mantido e, dessa forma, garantiria o sucesso do sucesso da seleção brasileira. Ainda de acordo com tal reportagem, o famoso quadrado mágico só funcionou bem com Robinho em campo.

Apesar do desempenho oscilante ao longo da primeira fase e das inúmeras dúvidas quanto à escalação e desempenho de alguns jogadores específicos, a seleção brasileira terminou a primeira fase com 100% de aproveitamento nos pontos disputados. Antes do início da fase eliminatória, novamente o discurso sobre futebol show x futebol de resultados esteve presente nas mídias esportivas. Segundo reportagem²² da FSP de 27/06/2006, “no mata-mata com seca de gols, o Brasil esquece jogo bonito e prega eficácia para ir às quartas”. Completava dizendo: “Sem show, sem espetáculo. É a regra do mundial”. Nesta reportagem o treinador Carlos Alberto Parreira emitiu sua opinião sobre o estilo de jogo a ser adotado na próxima partida: “O principal é ganhar. Se puder dar espetáculo, se puder jogar bonito, entre aspas porque essa palavra não se aplica ao futebol, tudo bem. O importante é ter eficiência. Ninguém é contra jogar bonito e com eficiência”.

O futebol brasileiro parece emblemático no limite entre modernidade e tradição. O futebol de lances bonitos, como discurso e como materialidade, seria quase uma essência nacional, um símbolo de denotação singular ao Brasil. Datado de tempo imemorial e sempre ressignificado com ídolos de origem e signos de afirmação, constitui-se numa tradição, inventada, que é arregimentada para constatar o sucesso e também, quando não respeitada, explicar o fracasso. Mas junto dessa tradição, há outro componente, antagônico e ao mesmo tempo complementar, que é a modernidade representada pelo futebol resultado. Quase ao modo fabril, é como se houvesse a necessidade de incorporar a lógica do rendimento suplantando o espetáculo para sobreviver num mundo contemporâneo. O resultado, esquadrihado pelas periodizações de treinamento e fincado em esquemas táticos, é próprio de uma passagem para a vanguarda e também poderia explicar o fracasso, atribuindo o insucesso à incapacidade do futebol brasileiro enquanto elemento social

21 “Com Robinho, Brasil-06 traz à tona o Brasil-58”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/24/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

22 “Meio à zero”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/27/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

do Brasil, de modernizar. Em suma, como em outras construções sociais, o embate entre moderno e tradicional tem coró no futebol brasileiro.

A despedida: Afinal, de que lado está a magia?

O jogo entre Brasil e Gana, realizado em 27 de Junho de 2006, terminou com uma vitória brasileira por 3x0 com gols de Ronaldo, Adriano e Zé Roberto. No entanto, se o placar aparenta uma vitória convincente e que, supostamente, agradaria a todos, se viu o contrário: descontentamento e vaias. Ainda assim, com a vitória a seleção brasileira passou às quartas de final da competição, fase em que enfrentaria a seleção francesa. Uma oportunidade de revanche da derrota sofrida na final de 1998, ocasião em que a seleção brasileira foi duramente derrotada por 3x0 pela seleção comandada pelo “astro” Zidane.

No dia 01 de julho de 2006, se as incertezas na escalação para a partida contra a França tiveram grande espaço na imprensa esportiva, as análises de ordem técnica e tática ganharam maior destaque. A esperança de que a seleção brasileira pudesse realizar uma partida melhor, fez com que manifestasse a preferência por “manter o quarteto ofensivo, ainda mais se Robinho substituir Adriano”.

Entretanto, a preferência de Tostão²³ não foi confirmada por Parreira no momento de escalar a seleção brasileira. Pela primeira vez nesta Copa, o treinador brasileiro desfez o “quadrado mágico” e escalou Juninho na vaga de Adriano. Com a mudança na escalação, o sistema de jogo da seleção brasileira muda e com isso a mídia esportiva passou a se dedicar a analisar como se comportaria a seleção brasileira e mais, como se comportava também a seleção da França. Reportagem²⁴ publicada em 01 de julho de 2006 na Folha de São Paulo afirma que são os camisas 10 de cada seleção, Ronaldinho e Zidane, que ditam o ritmo de jogo de suas equipes. Ronaldinho e Zidane, referências de suas respectivas equipes eram, de fato, as maiores esperanças de tornar este jogo, um belo jogo.

Os debates preliminares do jogo entre Brasil e França não se limitaram ao campo de jogo e história dos confrontos entre as equipes. Em reportagem²⁵ do dia 30/06/2006, o atacante francês Henry, em resposta ao questionamento sobre o que lhe remetia o futebol brasileiro, causou certa polêmica ao associar a técnica dos brasileiros ao pouco tempo que as crianças do país passam na escola. “O que era para ser elogio soou como preconceito”. Em sua análise, o atacante francês afirmou que a seleção brasileira é um time com uma “identidade, que joga bola o tempo todo. Se eles ganham o jogo de 3x0 sem jogar bem é uma catástrofe para o país. Existe uma identidade, como na Argentina, que não existe entre nós. Eles jogam na praia, na rua, e até nas estradas eles param para jogar... Eles nascem jogando futebol”. E continuou sua análise elogiando os jogadores brasileiros e a seleção:

23 “Tá bom e ruim”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/29/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

24 “Rei do toque de 1ª, Brasil desafia a cadência francesa”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/07/01/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

25 “Eles jogam das 8hs às 18hs, diz Henry”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/30/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

“São jogadores sem comparação. Não podemos ignorar as cinco estrelas no uniforme deles, nem tudo o que fizeram na história do futebol”. Outro elemento que já seria possível perceber desde a Copa do Mundo de 1938: a visão estrangeira sobre o futebol brasileiro corrobora com a imagem de arte no esporte.

A França mostrou-se um dos locais em que a ideia de futebol arte pareceu mais evidente para retratar o esporte no Brasil. De certo, Henry continua uma percepção histórica do que seria para os franceses o Brasil – e não seria devaneio pensar em como o Brasil, por vários cronistas, retratam distintos aspectos do país ao longo do tempo – pautado por elementos como alegria e arte, no caso aqui, do futebol. Outro ponto a se refletir é que distante do futebol brasileiro como elemento cotidiano e até mesmo afetivo, Henry fala como observador externo, o que lhe faz ser ávido em tomar a parte como sendo o todo. Sua análise não contempla as disputas e as incoerências que um fenômeno de massa pode ter, visto que sua proximidade é apenas do observador externo. Deste papel ele tem duas consequências importantes: pode referendar, como elemento neutro, o outro caso traga universais positivos ou arregimentar insatisfações, sendo o estrangeiro, a falar do local que não conhece suficientemente.

Rivalidades e discursos à parte, ao término da partida, mais uma vez a seleção brasileira foi derrotada. Com o 1x0 contra o Brasil, em gol marcado por Thierry Henry após falha da defesa brasileira, a França eliminou a grande favorita ao título, a seleção brasileira, e seguiu para as semifinais. A repercussão da derrota na imprensa brasileira, como de se esperar, foi rápida e negativa. A capa da Folha de São Paulo de 02 de julho de 2006²⁶ dizia: “França, DE NOVO, elimina o Brasil”. Em reportagem de capa do caderno Copa 2006²⁷ da Folha de São Paulo estava estampado: “Sem mágica, sem tática, sem fôlego, sem craque, sem time, sem raça, sem hexa, sem desculpa!”.

O jogo em si demonstrou ampla superioridade da equipe francesa. Segundo reportagem²⁸ da Folha de São Paulo de 02 de julho de 2006, “o Brasil viu a França passear”, mesmo tendo em campo “a geração mais talentosa dos últimos anos”. Kaká, um dos ícones desta geração e peça importante no tão falado quadrado mágico disse ao fim da partida: “Desculpa. Não fomos a verdadeira seleção, com toque de bola, criatividade. Em instante algum fomos a seleção brasileira”.

Em sua análise, Tostão revelou em coluna²⁹ publicada na FSP em 02/07/2006 que o tão esperado show, mágica, talento esperado do Brasil, sobretudo em seu “quadrado mágico”, veio da equipe adversária. E acrescentou: “A França foi muito melhor durante todo o jogo. Zidane deu um show de bola. Um espetáculo”. Sem dúvida, o comentário mais interessante e que merece ser ressaltado e analisado posteriormente, foi realizado pelo presidente da federação francesa: “Ele [Zidane] parecia o brasileiro em campo”.

26 Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/07/02/2/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

27 Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/07/02/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

28 “Brasil 0 X 1 França”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/07/02/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

29 “Agora acabou”. Disponível em <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/07/02/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

Se do lado brasileiro Ronaldinho Gaúcho, que chegou à Copa do Mundo na condição de melhor jogador do mundo, teve contra a França sua pior atuação nesta Copa, o mesmo não se pode dizer de Zidane. Segundo reportagem³⁰ da FSP de 02/07/2006, Zidane liderou sua seleção em quase todos os fundamentos. “Deu 5 dribles, alguns humilhantes, como o chapéu em Ronaldo... E oito desarmes”. Destoou em campo e comandou a vitória da seleção francesa e não por acaso foi eleito pela FIFA o melhor jogador da partida.

Afinal, a que seleção o jogador Kaká se referiu em citação acima? Qual seleção é ícone do futebol arte? Se o “quadrado mágico” brasileiro não vingou, de que lado está a magia? Será que podemos creditar à magia/arte à somente uma seleção ou país?

De acordo com Campos e Moraes (2010):

“O Brasil não é ‘o país do futebol’ mais do que Argentina, Inglaterra, Espanha e Itália, onde sua prática é também capaz de potencializar e expressar determinadas tensões sociais”. (CAMPOS; MORAES, 2010, p.130)

A opinião emitida por Clóvis Rossi em coluna publicada na FSP em 03/07/2006³¹ pode nos ajudar, se não a responder, a ao menos tentar compreender o significado de tais perguntas. Disse: “É daqueles de ficar na história o recital de magia que Zidane aplicou ontem em uma seleção brasileira sem alma, sem organização, sem futebol, sem sequer lampejos daquela mágica de que tanto falamos os jornalistas”. Tostão afirmou em sua coluna³² da FSP que “o Brasil jogou muito mal com o quarteto ofensivo e com os três volantes no jogo contra a França... O Brasil assistiu ao excepcional Zidane dar um show”.

FIM DE JOGO: considerações finais

Ao término deste estudo, cujo objetivo maior foi, a partir da Copa do Mundo de futebol realizada em 2006, identificar e refletir acerca de determinadas categorias analíticas sobre o futebol utilizadas pela mídia esportiva, concluímos que tanto a identificação do Brasil como o país do futebol, quanto da seleção brasileira como a detentora do futebol arte/bonito/mágico, principais categorias de análise identificadas, estão demasiadamente presentes entre jornalistas, cronistas, jogadores, comissão técnica e algumas literaturas sobre futebol.

Mesmo que a máxima de DaMatta (1997) ainda tenha espaços interpretativos, demonstrar que na sociedade brasileira a identificação ocorre por instituições secundárias – carnaval, futebol, samba – e não pelas primárias, consideradas “sérias” – Constituição,

30 “Após lição, Zidane sai quieto”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/07/02/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

31 “Um chute nas férias”. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2006/07/03/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

32 “Não somos idiotas”. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/07/03/20/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

Justiça, Congresso - o que temos posto para o espaço social futebol, é menos uma hierarquia de valores e mais a possibilidade de ser uma linguagem simbólica horizontal que atinge diversos grupos sociais e culturais. O pensamento damattiano não contemplou as hiperinterpretações a que está sujeito o futebol como significado social, tampouco demonstrou as tradições inventadas e as explicações que se apoiam em elementos externos ao jogo, dando-lhe contornos que lhe são estranhos e que buscam responder a questionamentos sociais díspares. Assim, seria mais interessante não perder de vista os trabalhos das últimas décadas que demonstraram o conflito e as tradições construídas e silenciadas no esforço de um futebol brasileiro único.

Segundo Helal e Gordon Jr. (1999, p.160), a construção de uma identidade nacional é eficaz na medida em que mesmo sendo simbólica possui “materialidade”, ou seja, produz “um resultado prático no imaginário coletivo”. Nesse sentido, tais autores especulam sobre a “construção” de um estilo próprio ao brasileiro de jogar futebol, sobretudo a partir da crítica de Soares (1997) à existência de um modo de jogar tipicamente brasileiro. Por outro lado, ainda que contraditoriamente, percebem

“[...] um determinado estilo, observado pelos agentes do universo futebolístico, incluindo-se aí a imprensa nacional e internacional. Esse estilo privilegiaria o drible, o toque de bola, o improviso e a criatividade e ficou sendo denominado “futebol-arte” em contraste com um estilo que privilegia a força física e a aplicação tática, o chamado “futebol-força”, praticado, em sua maioria, pelos clubes europeus. Essa distinção é “real” no imaginário coletivo do universo futebolístico” (HELAL e GORDON JR., 1999, p. 161).

Vale pensar ainda uma miríade de visões culturais e de construções simbólicas que possuem legitimidades no futebol. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Helal e Gordon Jr (1999) entendem a possibilidade de crítica de um pensamento que explica o estilo de jogo brasileiro pela sua cultura ou raça, mas salienta que negar a sua existência deixaria escapar um ponto interessante de análise que passa pela

“[...] percepção, por parte de todos os atores sociais envolvidos, da existência de determinados estilos particulares de se jogar futebol (as chamadas “escolas”) e de que esses estilos são de alguma maneira patrimônio cultural das nações que os manifestam nos campos de futebol (HELAL, 1990; 1997, apud HELAL; GORDON JR, 1999, p.161). Negar esse aspecto é, em última instância, negar as especificidades culturais. Por mais que possamos criticar o atual conceito antropológico de cultura (por ter sido concebido de modo reificado, essencializado, quase tanto quanto o conceito de raça), tal crítica não pode, evidentemente, ser levada ao ponto extremo de negar de modo absoluto que os diferentes grupos sociais lograram desenvolver determinadas especificidades morais, estéticas, filosóficas, enfim, culturais, que os singularizam e os distinguem entre si (HELAL; GORDON JR. 1999, p, 161)”.

Entretanto, há recentemente, autores, como Antônio Jorge Soares e Hugo Lovisolo, que buscam confrontar a existência destas categorias de análise desmistificando essa

associação realizada entre o futebol brasileiro e seu estilo de jogo. Neste texto, ao trazer para o campo de análise o desempenho da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2006, manifestado sobretudo pelo quadrado mágico, pode-se constatar que de mágica a seleção brasileira não teve nada. Pelo contrário, a beleza, ginga, dribles... enfim, a magia esperada da seleção brasileira pode ser visualizada, por exemplo, na seleção francesa, refletida na figura do seu principal jogador, Zinedine Zidane, em partida que eliminou a “favorita” seleção brasileira.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, F. MORAES, J. Como o Brasil entra em campo. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 129-135, jul./dez. 2010.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**. São Paulo: vol. 22. p.10-17, 1994.
- _____. **Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMO, A. S. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., ANPOCS, 2007.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. Futebol e orgulho nacional. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, n. 35, jun. 2010.
- HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HELAL, R.; GORDON JR, C. Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol. **Estudos históricos**, vol.13, n.23, 1999. P, 147-165.
- HOBSBAWM, E; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- MELO, S. H. D.; O discurso de neutralidade na imprensa. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão/SC, v. 5, p. 29-39, 2004.
- MOTA, C. G.; CAPELATO, M. H. **História da Folha de São Paulo (1921-1981)**. São Paulo: Impress, 1980.
- ROSENFELD, A. **Negro, Macumba e Futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- RITCHER, R. A. A Copa do Mundo FIFA de 2014 perante os legados da Copa do Mundo FIFA 2006 – um desafio para o “país do futebol”. In: GIGLIO, S. S.; SILVA, D. M. M. (orgs.) **O Brasil e as Copas do Mundo: futebol, história e política**. São Paulo: Nova Alexandria, 2014.
- SOARES, A. J. **Futebol, malandragem e identidade**. Vitória: CEFD, 1994.
- _____. História e invenção de tradições no campo do futebol. **Estudos históricos: esporte e lazer**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. N. 23, 1999. P. 119-147
- SOARES, A.J.; LOVISOLO, H. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: Autores associados. V.25, n. 1, p. 129- 144. 2003.
- SOARES, A. J.; SALVADOR, M. A. S. **A memória da copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. Campinas: Editora Autores Associados, 2009.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol: Dimensões simbólicas de um esporte nacional**. Tese de doutorado em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

WISNIK, J. M. **Veneno Remédio: O futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WORLD CUP 2006: the “magic quartet” and the analytical categories of brazilian soccer

ABSTRACT

The World Cup has the ability to mobilize communities around the world besides gathering through soccer meanings that would allow buildings of identities. Thereby, this study had as objective identify and think over analytical categories about soccer used by sports media during the journalistic coverage of 2006 World Cup. The main thing that contributed to our choice for this edition was the recovery of recurrent categories of Brazilian soccer, which were announced, especially from the convening of four specific players who would set the “Magic Square”. The newspaper ‘Folha de São Paulo’ was chosen, between 2006 May to August. Categories as soccer country, art soccer, magic are often present in the sportive media and soccer literature even if some stand up to the existence of these categories, and a direct relation with the Brazilian kind of play.

Keywords: Soccer, World Cup, Analytic categories

EL MUNDIAL DEL FÚTBOL 2006: el “cuadrado mágico” y las categorías analíticas del fútbol brasileño

RESUMEN

El mundial del fútbol, a demás de su capacidad de movilizar comunidades alrededor del mundo, arraiga por el fútbol significados que permitirían construcciones identitárias. Así, este estudio tuvo como meta identificar y reflexionar acerca de las categorías analíticas sobre el fútbol, presentes en los medios deportivos a lo largo de la cobertura periodística del mundial. Lo que orientó elegir esta edición es menos el carácter organizacional y supuestos legados, y más la retomada de categorías recurrentes al fútbol brasileño, enunciadas, principalmente, desde de la convocación de cuatro jugadores específicos que compondrían el cuadrado mágico. Elegimos el periódico Folha de São Paulo, en acervo virtual, entre los meses mayo-agosto de 2006. Categorías como el país del fútbol, fútbol arte/bonito/mágico están muy presentes en los medios deportivos y literaturas sobre el fútbol, aun que algunos estudios confronten la existencia de estas categorías y una asociación directa con el estilo de juego brasileño.

Palabras clave: Fútbol; Copa do Mundo; Categorías analíticas; Medios de Comunicación

Recebido em: fevereiro/2016

Aprovado em: maio/2016